

A CRISE PSICOLÓGICA E O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO: UM DESAFIO PASTORAL¹

Jorge Miklos²

Resumo: A Organização Mundial da Saúde (OMS) aponta que, após a pandemia da COVID-19, o mundo vive uma segunda pandemia na saúde mental. Órgãos responsáveis pelo monitoramento e cuidado com a saúde mental observam a o crescimento e a expansão de casos de depressão, ansiedade, transtornos de personalidade. Cresce também os indicadores que apontam o crescimento de suicídio, incluindo crianças e adolescentes. O objetivo deste artigo é propor uma análise psicossociológica da crise psicológica, indicando os vetores econômicos e culturais que se depreende da articulação das noções: saúde mental, capitalismo, neoliberalismo, individualismo e biopoder. A hipótese que fundamenta esta reflexão é que, em tensão com o imaginário neoliberal e individualista que pauta a psiquiatria e a psicologia normativas que obscurecem o contexto histórico e atribuem ao indivíduo e sua genética a responsabilidade do adoecimento, a pandemia do adoecimento mental é um sintoma da crise civilizatória contemporânea, resultado do biopoder (Foucault) implementado pela ordem capitalista e seu sistema produtivo. Em outras palavras, a expansão do adoecimento mental é o protesto dos corpos e das emoções ao biopoder e seu imaginário capitalista neoliberal: (1) o individualismo e o narcisismo cultural, (2) o imperativo da felicidade, (2) a explosão da informação e a vertigem das redes sociais, (4) a cobrança pela alta performance e pelo alto rendimento, (5) a imposição da exposição e da visibilidade e, por fim, (6) a idolatria do dinheiro. Nesse sentido, apresentamos que a pandemia de doenças mentais e a crise psicológica tem uma função política sobre a existência do capitalismo contemporâneo. Compreende-se a pandemia psicológica é também um desafio pastoral. Uma mensagem do Papa Francisco foi dirigida aos participantes da II Conferência Nacional da Saúde Mental, na Itália: *“Uma realidade que ratifica ser de máxima importância adquirir cada vez mais conhecimento das exigências profissionais e humanas necessárias para cuidar dos nossos irmãos e irmãs”* (...) *é preciso que prevaleça a cultura da comunidade sobre a mentalidade do descarte para atender às condições daqueles que sofrem de distúrbios mentais, oferecendo-lhes tratamento adequado para o bem deles e da sociedade*”, afirmou o Papa³. Como cuidar, consolar e resistir à epidemia de doenças mentais no mundo contemporâneo?

¹ Texto destinado aos cursistas do CURSO LATINOAMERICANO DE FORMAÇÃO PASTORAL 2022 (ONLINE) - Tema: CUIDAR, CONSOLAR E RESISTIR EM MEIO À PANDEMIA: DESAFIO PARA AS IGREJAS E MOVIMENTOS SOCIAIS - Promovido pelo CESEEP (Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular).

² Sociólogo, psicólogo e psicoterapeuta na abordagem analítica integrativa. É mestre em Ciências da Religião e doutor em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Federal do Rio de Janeiro em Comunicação Comunitária. Estágio de pesquisa no Vilém-Flusser-Archiv (Berlim) e no El Colegio de Frontera Sur (ECOSUR) (San Cristóbal de Las Casas, Chiapas, México). Foi Vice-Presidente (2020-2021) da ABCiber (Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura). Vice-Líder do Grupo de Pesquisa Mídia e Estudos do Imaginário. Membro do CISC - Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia vinculado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Trabalha na interface entre Psicanálise, Religião e Cultura. Suas reflexões abordam o vínculo social, o mito, a literatura, a produção audiovisual, a cibercultura, os conflitos, a política e as questões contemporâneas como gênero, masculinidades, religião, vida digital e diversidade. Membro Associado do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (CESEEP) e habitante da OCA JUNGUIANA (Outras Conversas Afiadas), um coletivo formado por vozes de pesquisadores, analistas, psicoterapeutas, arte-terapeutas e interessados nos estudos da Psicologia Analítica de C. G. Jung e dos autores pós-junguianos. Atua como Professor e Pesquisador no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista. Autor dos livros: Ciber-Religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura (Ideias e Letras-2012); Cultura e Desenvolvimento Local: Ética e Comunicação Comunitária (Saraiva-2015); Mediação de Conflitos (Expressa, 2020); Veredas do Sagrado: interfaces entre Imaginário, Ecologia e Religião (Humanitas -2021). Atualmente desenvolve uma pesquisa financiada pela CAPES e pela UNIVERSIDADE PAULISTA com o título: MASCULINIDADES NA MEDIOSFERA: CONTRIBUIÇÕES DA MÍDIA PARA A CONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES DOS HOMENS NO IMAGINÁRIO SOCIAL

³ [Papa: atenção à saúde mental – Arquidiocese de Brasília \(arqbrasil.com.br\)](https://arqbrasil.com.br). Acesso em 20.jul.2022.

1. UMA MULTIDÃO DE DEPRIMIDOS, ANSIOSOS E SUICIDAS

*Sabe o que eu mais quero agora, meu amor?
Morar no interior do meu interior
Pra entender por que se agridem
Se empurram pro abismo
Se debatem, se combatem sem saber
(VANDER LEE -Onde Deus possa me ouvir)*

"Estamos saindo da pandemia de coronavírus e entrando numa pandemia de saúde mental", afirma o psiquiatra Ricardo Nogueira, docente da ULBRA (Universidade Luterana do Brasil) e autor de dois livros e de um manual sobre prevenção ao suicídio no estado. Um levantamento da OMS em 2021 apontou o Brasil como o país com o maior índice de ansiosos (9,3% ou 18 milhões de pessoas) e depressivos do mundo (5,8% ou 11 milhões). Suicídios sobem sem parar, e matam mais que acidente de moto.

1.1 SUICIDABILIDADE

*"Vós que entraís, abandonai toda a esperança."
(DANTE ALIGHIERI - Inferno - A Divina Comédia)*

Suicidabilidade: ter tentado suicídio, ter familiares que tentaram ou se suicidaram, ter ideias e/ou planos de suicídio. O número de suicídios sobe sem parar no Brasil, segundo DATASUS. O total de óbitos no país por lesões autoprovocadas dobrou de cerca de 7.000 para 14 mil nos últimos 20 anos, sem considerar a subnotificação. Isso equivale a mais de um óbito por hora, superando as mortes em acidentes de moto ou por HIV. Segundo dados, o Brasil vai na contramão do mundo, mas segue tendência das Américas.

Atualmente o comportamento suicida vem ganhando impulso em termos numéricos e de impacto da saúde mental. Trata-se de pessoas vivendo sob tensão que expressam o modo agudo de sofrimento. A maioria das pessoas que apresentam comportamento suicida sofrem de transtornos mentais graves e a maioria tem pouco apoio familiar e social.

De acordo com a OMS, 800 mil pessoas morrem de suicídio todos os anos. Para cada suicido, há muito mais pessoas que tentam o suicídio a cada ano. A partir de 1990, a OMS passou a considerar o suicídio como um problema de saúde pública e incentivou planos nacionais de prevenção.

A suicidabilidade está atravessada por preconceitos, estereótipos e estigmas sociais. "O preconceito faz as pessoas não buscarem ajuda. Muitas vezes elas escondem a doença porque o amigo ou familiar vai interpretá-las como uma pessoa que é fraca, que deveria reagir, quando, na verdade, ela está adoecida". A afirmação é da ex-coordenadora-geral de Saúde Mental do Ministério da Saúde, Dilma Alves Teodoro.

Setembro Amarelo é uma campanha brasileira de prevenção ao suicídio, iniciada em 2015. O mês de setembro foi escolhido para a campanha porque, desde 2003, o dia 10 de setembro é o Dia Mundial de Prevenção do Suicídio.⁴

A pessoa que tem um comportamento suicida entra em desespero. Desespero é o sentimento que atravessa quem perdeu a esperança.

1.2 O DEMÔNIO DO MEIO-DIA

"É melhor ser alegre que ser triste. Alegria é a melhor coisa que existe. É assim como a luz no coração. Mas pra fazer um samba com beleza. É preciso um bocado de tristeza. É preciso um bocado de tristeza. Senão, não se faz um samba não"
(VINÍCIUS DE MORAES – SAMBA DA BENÇÃO)

O Demônio do Meio-Dia: Um Atlas da Depressão é um livro de autoria de Andrew Solomon. A obra examina os aspectos pessoais, culturais e científicos da depressão através das entrevistas publicadas com pessoas que sofriam de depressão, médicos, pesquisadores, políticos e farmacêuticos. Desde então a expressão *demônio do meio-dia*, serve de metáfora para a depressão.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), as condições clínicas associadas a alterações mentais e neurológicas incapacitarão quase 15% da população em algum momento. A depressão responderá pela maior parte deste percentual, acometendo quase o dobro de mulheres em relação ao número de homens.⁵

Os índices de pessoas acometidas por quadros de depressão clínica estão aumentando. Conforme a OMS, a depressão pode surgir em qualquer idade, porém as chances aumentam com o início da puberdade, com seu pico na década dos 20 anos. Esta fase representa uma passagem de uma etapa para outra, acarretando mudanças e toda mudança em si mesma pode ser considerada uma crise em busca de nova identidade. Ser adulto jovem está entre os fatores de risco associados à depressão, sendo o TDM a principal causa de adoecimento e invalidez em adolescentes ao redor do mundo.

As rápidas mudanças em nossa maneira de viver, com uma alta demanda imposta ao nosso organismo, através da tecnologia, da velocidade dos processos ou até das exigências de desempenho, possam estar relacionadas com mudanças epigenéticas que, por sua vez, podem ser responsáveis por um aumento da prevalência da doença.

Depressão é uma doença silenciosa que pode afetar pessoas de todas as idades, inclusive crianças, que requer tratamento. Caracteriza-se por um conjunto de sintomas que provocam um profundo sofrimento psíquico, o que, por sua vez, leva a alterações comportamentais. A pessoa

⁴ Para ampliar o conhecimento sobre suicídio ver: <https://www.youtube.com/watch?v=EqTOJUZeI4>.

⁵ . (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Ministerial Round Tables 2001. 54th World Health Assembly. World Health Organization, Genebra, 2001) (adaptado).

deprimida sente-se infeliz, inadequada, incapaz de lidar com as demandas da vida, sem esperança e sem futuro. Em geral manifesta-se diante de situações de perda, crises e mudanças.

A depressão atinge pessoas tímidas, tranquilas, ansiosas, nervosas, extrovertidas, reflexivas).

- Se cobrar demais
- Dificuldade de relaxar
- Dificuldade de solicitar a ajuda a outras pessoas
- Pessimismo
- Preocupação excessiva
- Elevados níveis de autocrítica
- Necessidade controle sobre tudo e todos
- Dependere excessivamente de satisfazer as expectativas alheias

Pessoas com um ou mais desses aspectos são pouco flexíveis e muito estressadas. Tendem a reagir mal diante das adversidades e frustrações inerentes à vida. Pacientes deprimidos em psicoterapia testemunham falta de sentido e incapacidade de transcendência.

O principal recurso de tratamento para a depressão é por meio da prescrição de medicamentos antidepressivos. Os mais receitados atualmente pertencem à categoria conhecida como inibidores seletivos de receptação da serotonina.

Os antidepressivos são vendidos como “pílulas da felicidade” e detentores do poder de cura da depressão. Qualquer agente de saúde ético e bem formado sabe que os antidepressivos estão longe de curar esse transtorno. Trata-se do fenômeno da patologização e da medicalização de uma condição humana, a tristeza. É transformar um sentimento normal, numa entidade patológica.

Um levantamento das vendas de medicamentos antidepressivos e estabilizadores de humor feito pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF), a partir de dados da consultoria IQVIA. Nos primeiros 5 meses de 2021 ano, a venda de antidepressivos e estabilizadores de humor aumentou 13% em relação ao mesmo período de 2020. Os números se referem a unidades de medicamentos (capsulas ou comprimidos) comercializados no varejo, ou seja, farmácias e drogarias.

Embora o aumento seja um pouco menor do que o registrado quando comparamos os primeiros cinco meses de 2020 e de 2019 (16%), o índice é importante, até porque representa um aumento significativo sobre o recorde de vendas registrado no ano em que se iniciou a pandemia. Até então, os aumentos verificados eram bem menos representativos. Ficaram em 11% na comparação dos períodos de 2019 e 2018, e em 10% quando tomamos por base os anos de 2018 e 2017. Na prática, os brasileiros adquiriram 4.781.531 a mais de unidades desses medicamentos este ano do que em 2020. A procura dos pacientes por médicos psiquiatras para tratar a depressão, sem a participação da vida comunitária, familiar, terapias integrativas, os leva a um caminho mecânico e altamente não terapêutico, já que de acordo com os métodos médicos apresentados, apenas reprimirá os conteúdos “tristes” e sombrios, deixando o paciente mais vulneráveis e à mercê da medicalização.

1.3. ANSIEDADE E MEDO: DUAS FACES DA MESMA MOEDA

*“O meu medo é uma coisa assim, que corre por fora
entra, vai e volta sem sair”
(DALTO E CLÁUDIO RABELLO — Pessoa)*

De uma forma bem sucinta, o nome pânico foi adaptado do grego *panikon* e derivado do nome do deus Pã, figura mitológica grega, divindade das montanhas e das florestas, protetor de pequenos animais, pastores e caçadores. Apesar de ser travesso, galanteador e de sempre empunhar uma flauta feita de caniços do brejo, era rejeitado pela sua feiura. Metade homem e metade animal, com chifres, patas e pelos de bode, Pã aterrorizava as pessoas com suas aparições inesperadas. Desta forma surgiu a palavra “pânico”, o terror infundado ou repentino.

Segundo o DSM um ataque de pânico é um período inconfundível, de imenso medo ou temor, no qual quatro ou mais dos sintomas listados abaixo se desenvolvem de forma abrupta.

Os ataques de pânico são decorrentes dos transtornos de ansiedade que ocorrem com uma frequência muito alta na população em geral. Recentes estudos norte-americanos, de abrangência significativa, revelaram que 25% das pessoas apresentam algum tipo de transtorno de ansiedade ao longo de suas vidas.

Sentimento súbito de terror, sensação de morte iminente, coração disparado, suor intenso, dores no peito, falta de ar, tontura, por vezes acompanhados de sensação de despersonalização ou irreabilidade ou de que alguma catástrofe vai acontecer! A descrição acima se encaixa perfeitamente na descrição de um ataque cardíaco, mas não é. Trata-se de um ataque de pânico!

O que, nos tempos primitivos, era um sistema de proteção, essencial para o homem da época, transformou-se em uma poderosa arma, cuja potência o homem moderno tem de aprender a desativar ou, pelo menos, a reduzir seu poder de fogo. Existem casos nos quais essa reação perde sua função protetora e ganha força e status de uma situação definitivamente ameaçadora dentro da mente.

Várias pessoas que sofrem de transtorno de pânico são atendidas na sala de emergência de um pronto-socorro, para onde são levadas com forte suspeita, ou quase certeza, de estarem tendo um enfarte, e lá recebem o diagnóstico de que o coração se encontra em perfeito estado.

Ataque atinge o ápice (pico) em 10 minutos e costuma se estender por aproximadamente 40 minutos:

- palpitações ou taquicardia (ritmo cardíaco acelerado);
- sudorese intensa (suor, principalmente na face ou cabeça);
- tremores ou abalos musculares;
- sensação de falta de ar ou sufocamento;
- sensação de asfixia ou “nó” na garganta (aperto);
- dor ou desconforto no peito;
- náuseas (enjoo) ou desconforto abdominal (similar à cólica);

- sensação de tontura, vertigem ou desmaio;
- sensação de irrealidade (estranheza com o ambiente) ou de
- despersonalização (estranheza consigo mesmo);
- medo de perder o controle de seus atos ou de enlouquecer;
- medo de morrer;
- sensação de anestesia ou de formigamento (parestesias);
- calafrios ou ondas de calor.

Casos mais complexos são aqueles em que o transtorno de ansiedade está associado a outros quadros patológicos, como a depressão ou o consumo abusivo de álcool e/ou outras substâncias causadoras de dependência física e psicológica. Em relação ao álcool, de certa maneira, é fácil entender a razão dessa parceria: a bebida alcoólica é capaz de atenuar o estado de tensão contínua, proporcionando alívio momentâneo e aparente para essas pessoas. Esse alívio imediato tem um preço. À medida que o tempo passa, pode se tornar “caro demais”, pois o álcool, a curto, médio e longo prazos, é capaz de cobrar juros na forma de insônia, ansiedade mais intensa (especificamente na ressaca), depressão, doenças físicas, e inflacionar nossa vida com uma dependência química difícil de ser vencida.

Diferentemente das fobias (medos exacerbados), os ataques de pânico costumam ser espontâneos, ou seja, “aparecem do nada”, e não estão relacionados a objetos/animais ou situações específicas, sempre presentes nos quadros fóbicos.

Em todos os transtornos de ansiedade, uma resposta que era para ser normal e adaptativa se transforma em um monstro dentro de nós. O monstro é a “ansiedade patológica”, que nos causa sintomas como tensão e medo, que são indesejáveis, excessivos e inadequados para a situação em que nos encontramos. Ela surge e nos ataca quando não queremos ou quando não faz nenhum sentido. A nossa capacidade de sentir ansiedade e medo é uma benção que pode se tornar uma maldição. É o feitiço contra o feiticeiro.

Até pouco tempo atrás, os transtornos de ansiedade possuíam poucas opções terapêuticas realmente eficazes. Um dos grandes avanços ocorreu com a utilização dos benzodiazepínicos – popularmente conhecidos como calmantes, e que apresentam tarja preta. Todavia, eles não são eficazes em todas as formas de transtorno de ansiedade e agem apenas na supressão dos sintomas, não exercendo influência sobre as causas do transtorno. Se nos restringirmos à utilização desses medicamentos, teremos a desagradável surpresa de ver os sintomas indesejáveis retornarem, tão logo o uso deles seja suspenso.

O sofrimento vivenciado por um portador do transtorno do pânico também pode ser deflagrador de grandes prejuízos nos diversos segmentos de sua vida: financeiro/profissional; social; familiar. Os transtornos de ansiedade são, os reflexos dos nossos dias; esses dias inacabáveis, que nos fazem pensar que alguma coisa está totalmente fora da ordem.

O caminho é encontrar o nível certo de ansiedade, para que tenhamos uma boa performance diante dos obstáculos e contratempos que a vida nos apresenta. Não é saudável, nem tampouco recomendável, termos níveis de ansiedade altos ou baixos demais. É claro que graduá-los para que possamos dar conta de todos os afazeres modernos, sem que tenhamos de adoecer com isso, é um desafio e tanto! Talvez o maior de todos, desses nossos tempos tão estressados. Para tanto, necessitamos do mais valioso bem que uma pessoa pode possuir: o autoconhecimento. O autoconhecimento nos traz o saber, e este, o poder de nos transformarmos em pessoas melhores e mais felizes.

2. DOENÇA MENTAL: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

A psicologia nunca poderá dizer a verdade sobre a loucura, pois é a loucura que detém a verdade da psicologia.
(MICHAEL FOUCAULT)

O que explica a pandemia de saúde mental, a crise psicológica com altos índices de pessoas afetadas por depressão, ansiedade e suicidabilidade? Quais as causas? O discurso médico, psiquiátrico bem como, algumas correntes psicológicas, no trilho do imaginário neoliberal individualista, atribuem à causas biológicas, genéticas os transtornos mentais. Ou seja, o discurso médico hegemônico, procura atribuir quase que exclusivamente ao indivíduo, sua genética e sua biologia a causa do sofrimento mental.

Essa leitura que foca exclusivamente no âmbito individual, no nosso entendimento, representa uma visão de mundo individualista, utilitária e terapêutica presumida pelo neoliberalismo como verdade desejável uma vez que transfere para a pessoa a causa do seu adoecimento. Essa interpretação gera a crença de que as pessoas são individualmente responsáveis pelo seu sofrimento e de que a saída é uma questão médica e médica e farmacológica.

Porém, apesar do crescimento exponencial de consumo de antidepressivos e ansiolíticos, estudos importantes relatam taxas impressionantes de depressão e ansiedade. No primeiro ano da pandemia de COVID-19, a prevalência global de ansiedade e depressão aumentou em 25%, de acordo com um resumo científico divulgado pela Organização Mundial da Saúde (OMS).⁶ A pandemia COVID-19 teve um impacto severo na saúde mental e no bem-estar das pessoas em todo o mundo, ao mesmo tempo em que levanta preocupações sobre o aumento do comportamento suicida. Além disso, o acesso aos serviços de saúde mental tem sido severamente impedido.

Porém, a pandemia sozinha não explica uma vez que os transtornos de saúde mental cresciam antes do COVID-19. A hipótese que guia esta reflexão entende que a crise psicológica está

⁶ Fonte: https://www.who.int/publications/i/item/WHO-2019-nCoV-Sci_Brief-Mental_health-2022.1. Acesso em 23.jul.2022.

umbilicalmente relacionada ao contexto do nosso tempo presente e não apenas a fatores genéticos e biológicos. O objetivo deste artigo é propor uma análise psicossociológica da crise psicológica, indicando os vetores econômicos e culturais que se depreende da articulação das noções: saúde mental, capitalismo, neoliberalismo, individualismo e biopoder. A expansão do imaginário neoliberal, o recrudescimento do individualismo e a crise do capitalismo. Os três aspectos, articulados, são a moldura da crise civilizatória que iremos detalhar alguns de seus aspectos mais à frente.

2.1 NEOLIBERALISMO

(...) o neoliberalismo defende a supremacia do mercado e a redução do Estado a mero operador de interesses corporativos privados. A democracia, entendida como participação popular, é um estorvo para o neoliberalismo. [O neoliberalismo] não suporta “o cheiro de povo”. (FREI BETTO – A Gaiola Neoliberal⁷)

Muito já se escreveu sobre o neoliberalismo. O conhecimento acumulado é enciclopédico. Não caberia neste artigo uma revisão de literatura sobre o tema que é vasto, amplo e complexo. Apenas para situar, o neoliberalismo nasceu em 1947 a partir de um encontro entre um grupo de intelectuais realizado em Monte Pèlerin, na Suíça, onde foi fundada uma sociedade de ativistas em oposição às políticas do estado de bem-estar social, por eles consideradas coletivistas e cerceadoras das liberdades individuais.

O economista britânico, Friedrich Hayek, em sua obra “*O Caminho da Servidão*”, publicada pela primeira vez em 1944, acusa o “estado do bem-estar social” (vigente na Europa no pós-guerra) propondo que a manutenção desse modelo levaria a civilização ao colapso, pois o crescente controle do estado é o caminho que leva à completa perda da liberdade, e indicava que os trabalhistas ingleses levariam a Grã-Bretanha ao mesmo caminho que os nazistas haviam imposto à Alemanha. Segundo Perry Anderson:

Trata-se de um ataque apaixonado contra qualquer limitação dos mecanismos de mercado por parte do Estado, denunciadas como uma ameaça letal à liberdade, não somente econômica, mas também política. O alvo imediato de Hayek, naquele momento, era o Partido Trabalhista inglês, às vésperas da eleição geral de 1945 na Inglaterra, que este partido efetivamente venceria. A mensagem de Hayek é drástica: "Apesar de suas boas intenções, a socialdemocracia moderada inglesa conduz ao mesmo desastre que o nazismo alemão – uma servidão moderna.⁸

⁷ Fonte: <https://www.gentedeopinioao.com.br/colunista/frei-betto/a-gaiola-neoliberal-por-frei-betto>. Acesso em 25.jul.2022.

⁸ ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. Disponível em: <http://www.cefetsp.br/edu/eso/globalizacao/balanconeolib.html>. Acesso em 08.09.2012.

Tentando sintetizar, para os ideólogos do neoliberalismo, a crise do socialismo real significou a triunfo definitivo da economia de mercado, ou o "fim da história" como afirmou no início dos anos 1990, o cientista político estadunidense Francis Fukuyama. Por neoliberalismo entendem-se uma política econômica que procura implementar um regime de “estado mínimo e mercado máximo”.

Reconhecemos a leitura econômica, mas para fins desta reflexão, entendemos que o neoliberalismo deve ser encarado como um fenômeno mais amplo e fundamental do que apenas uma teoria econômica. O neoliberalismo tornou-se um imaginário que oferece um magma que estrutura as sociedades contemporâneas:

Ele [o neoliberalismo] deve ser entendido como um novo estágio do capitalismo, caracterizado por uma expansão implacável do alcance e do escopo da economia para todos os estratos culturais; pela demanda crescente por critérios tecnocientíficos para deliberações políticas e sociais; por uma ênfase renovada nos princípios utilitaristas da escolha, eficiência e maximização dos lucros; pelo aumento exponencial da insegurança no mundo do trabalho, da instabilidade econômica, da competição de mercado, da predisposição a assumir riscos e da flexibilização e descentralização da cultura corporativa; pelo acirramento da mercantilização do simbólico e do imaterial, no que se incluem as identidades, os sentimentos, os estilos de vida; pela consolidação de um ethos terapêutico que situa tanto a saúde emocional como a necessidade de realização pessoal no centro do progresso social e das intervenções institucionais. Mais fundamental ainda, o neoliberalismo deve ser compreendido como uma filosofia social individualista cujo *locus* principal é o eu e cuja suposição antropológica principal como argumenta Aschoff, é que ‘somos agentes independentes e autônomos que se encontram no mercado, construindo o próprio destino e, nesse processo, a sociedade’. Ele deve ser entendido em termos de seus atributos e consequências estruturais, mas também em seus pressupostos supra estruturais; ou seja, em termos de suas máximas éticas e morais, de acordo com as quais todos os indivíduos são (e devem ser) seres livres, estratégicos, responsáveis e autônomos, capazes de governar estados psicológicos a seu bel-prazer, de atingir seus interesses e buscar o que entendem ser o objetivo inerente da vida: a conquista da felicidade. (CABANAS; ILLOUZ, 2022, p. 77).

O neoliberalismo tornou-se a dogma orientador das sociedades contemporâneas. Ou seja, o neoliberalismo não se restringe ao nível sistêmico. O neoliberalismo penetrou no mundo da vida, na epiderme do tecido social. O neoliberalismo corresponde ao imaginário que sustenta valores, condutas e comportamentos e o contrato social.

Nesse sentido, o neoliberalismo é o mascaramento da realidade social que permite a legitimação da exploração e da dominação. Por intermédio da ideologia neoliberal tornamos o falso, verdadeiro, o injusto, justo, naturaliza as relações sociais assimétricas. Como nos adverte Terry Eagleton:

O estudo da ideologia é, entre outras coisas, um exame das formas pelas quais as pessoas podem chegar a investir em sua própria infelicidade. (grifo do autor) A condição de ser oprimido tem algumas pequenas compensações, e é por isso que às vezes estamos dispostos a tolerá-la. **O opressor mais eficiente é aquele que persuade seus subalternos a amar, desejar e identificar-se com seu poder; e qualquer prática de emancipação política envolve, portanto, a mais difícil de todas as formas de liberação, o libertar-nos de nós mesmo** (EAGLETON, 1997, p. 13).

Max Weber nos havia advertido da tirania do mercado que constitui, em nossas vidas – da subjetividade mais íntima à atividade política –, a “a jaula de aço” da qual não é fácil se livrar. O mercado de tudo se apropria. E transfere a culpa de seus males à responsabilidade do sujeito.

Por exemplo, o neoliberalismo é o imaginário que facilita o motorista de aplicativo, o entregador de comida de redes de fast-food, as empregadas domésticas, enxergarem que sua condição não é resultado do desmonte dos direitos sociais, mas, ao contrário, uma oportunidade de tornarem-se empreendedores.

Nesse sentido sendo o imaginário neoliberal responsável pelo agravamento das condições sociais, é também responsável pela pandemia de saúde mental.

2.3 CRISE DO CAPITALISMO

Socorro, não estou sentindo nada/ Nem medo, nem calor, nem fogo/ Não vai dar mais pra chorar, nem pra rir/Socorro, alguma alma, mesmo que penada/Me entregue suas penas/Já não sinto amor, nem dor, já não sinto nada/Socorro, alguém me dê um coração/Que esse já não bate, nem apanha/Por favor, uma emoção pequena/Qualquer coisa/Qualquer coisa que se sinta/Em tantos sentimentos/Deve ter algum que sirva/Socorro, alguma rua que me dê sentido/Em qualquer cruzamento, acostamento, encruzilhada/Socorro, eu já não sinto nada, nada.

(ARNALDO ANTUNES – Socorro)

Na perspectiva psicossociológica localizamos que a crise psicológica e de saúde mental, está articulada com a crise do capitalismo. A saúde mental deve ser entendido como parte da realidade concreta da exploração capitalista. Nesse sentido, associar a saúde mental, por exemplo, apenas a fatores biológicos de indivíduos isolados implica em excluir o seu caráter histórico e social.

Os fatores biológicos não se explicam sozinhos a crise psicológica, devendo estar articulados à dinâmica histórica e às contradições da sociedade. O ciclo vital do ser humano não pode ser determinado apenas biologicamente, na medida em que varia em diferentes épocas, a partir das condições materiais em que produz sua existência. Pode inclusive ter particularidades no interior das diferentes classes sociais em uma mesma época e sociedade, ou seja, em última instância, a forma de produção e reprodução da vida em sociedade determina a existência de diferentes transtornos físicos e mentais.

Nesse sentido, para pensar a saúde e a doença, é fundamental compreender as formas como se organiza o processo de trabalho e de produção de mercadorias e como isso impacta na vida das pessoas; essa compreensão permite entender como se adocece e se morre nas diferentes classes em determinada sociedade. No capitalismo, a burguesia precisa de trabalhadores aptos a produzirem em suas fábricas, ou seja, na lógica capitalista, o que determina ser saudável ou não é a capacidade do sujeito de trabalhar e manter-se produtivo. Marx destacava que o capital não tem “a mínima consideração pela saúde e duração da vida do trabalhador, a menos que seja forçado pela sociedade a ter essa consideração” (MARX, 2013, p. 342).

A crise financeira de 2008 levou a uma deterioração da situação econômica ao redor do mundo e inaugurou um momento marcado pela diminuição de oportunidades, por altos níveis de pobreza e desigualdade, aumento do trabalho precarizado, uma grande instabilidade institucional e desconfiança com a política. A crise causou um debilitamento sobre as forças estruturais que moldam a vida. Consequentemente, sentimentos de incerteza, insegurança, impotência e ansiedade sobre o futuro. Daí a razão para o aumento dos índices de depressão, ansiedade e suicídio. (CABANAS; ILLOUZ, 2022, p. 100).

Mesmo num cenário de crise, os aparatos ideológicos do sistema constroem e reforçam um imaginário de desejo exigente e insaciável, ao passo que, através dos anos, especialmente com o avanço do neoliberalismo, se reduziu o padrão de vida dos trabalhadores e se condenou a juventude à precarização no trabalho. O consumo de psicofármacos, instabilidade mental, ansiedade, depressão, intolerância ao sofrimento, frustração e estresse no trabalho são consequências de tudo isso.

A depressão, é uma doença que aparece constantemente entre os trabalhadores e desempregados. A depressão, no viés de uma psicopatologia social está associada ao desânimo em relação à realidade e à própria vida. A pessoa perde a vontade não apenas de agir, mas até mesmo de ter qualquer interação com o mundo que a cerca. Não se trata de um mero desânimo diante de uma situação adversa momentânea, mas de um estado que se torna frequente ao longo de dias, semanas ou mesmo meses, que tem implicações físicas e mentais, podendo afetar a pessoas de diversas formas.

A ansiedade atinge o mundo do trabalho. Como dissemos anteriormente, a ansiedade está relacionada ao sentimento de angústia, em que a pessoa se vê impotente diante de uma realidade que o oprime. Um elemento que se relaciona à ansiedade é o estresse. Trata-se de um conjunto de reações do indivíduo diante dos problemas com os quais precisa lidar em seu cotidiano, provocando nervosismo, tristeza, apatia, entre outras coisas. O acúmulo desses sentimentos pode provocar uma diversidade de reações fisiológicas e psíquicas, que levam ao esgotamento.

O estresse é uma doença da sociedade marcada pela forma de organização do trabalho, em que a produção passou por um profundo processo de automatização, em um cenário no qual o a reestruturação produtiva provocada pela crise de 2008.

2.3.1 CONFORTAVELMENTE ENTORPECIDO

*Olá!/Há alguém aí dentro?/Só acene com a cabeça se você consegue me ouvir/
Há alguém em casa?/Vamos, vamos, agora/Ouçõ dizer que você anda deprimido/
Posso aliviar sua dor/Pôr você em pé de novo/Relaxar!/Eu preciso de alguma informação
primeiro/Apenas os fatos básicos/Você poderia me mostrar onde dói?/
Não há nenhuma dor, você está recuando/Um navio distante soltando fumaça no horizonte/
Você só está sendo captado em ondas/Seus lábios se movem/mas não consigo ouvir você/
Quando era criança, tive uma febre/Minhas mãos me pareciam dois balões/Agora tenho essa
sensação mais uma vez/Não consigo explicar, você não entenderia/Não é assim que eu sou/Me
tornei confortavelmente entorpecido/Me tornei confortavelmente entorpecido.
(PINK FLOYD- THE WALL - Comfortably numb -).*

Como disse Marx, a sociedade de mercado cria o problema para vender a solução. Para resolver o problema do sofrimento psíquico, cuja causa é o indivíduo, surgem e crescem o mercado das novas ciências instrumentais como a Psicologia Positiva, a Neurociência e seus *apêndices fast foods* como os coachings, autoajudas e toda sorte de espiritualidades gerenciais. Ao lado delas, a psiquiatria que transfere para o indivíduo o ônus da crise, medicando-o como forma de aliviar o sintoma.

Esse cenário fica ainda mais complexo na atualidade, diante da massificação e da diversificação dos tipos de drogas. O uso recreativo se consolidou como uma resposta do indivíduo diante dos problemas e dificuldades a que está submetido, fazendo uso dessas substâncias com vistas ao relaxamento ou à distração. Contudo, diante da sua fragilidade psíquica, o consumo de drogas, se mantida sua regularidade, pode levar ao abuso e ao vício. O álcool e outras drogas legalizadas são de fácil acesso, tendo se tornado parte do cotidiano da sociedade. Além disso, há uma grande quantidade de drogas legalizadas, culturalmente encaradas e vendidas como remédios, que mostram um cenário ainda pior, na medida em que se tornaram as principais formas indicadas por médicos no tratamento para os transtornos mentais.

Certamente que, em certas situações, o uso de remédios deve ter seu uso recomendado, como um dos aspectos de um tratamento terapêutico mais amplo. Contudo, o que se vê são médicos recomendando de forma indiscriminada remédios, bem como a ação dos mais variados laboratórios, que fabricam todo o tipo de drogas que afetam a mente das pessoas, seja, por exemplo, para animar aquelas que estão em estado depressivo, seja para entorpecer aqueles que sofrem com transtornos de ansiedade. Assim, são criados de forma intencional dependentes de drogas legalizadas, que aceitam esse tipo de tratamento diante da promessa de resposta rápida aos sentimentos de angústia ou mesmo de desespero a que estão submetidos. Se num primeiro momento há uma sensação de melhoria, no médio e longo prazo fica evidente que seu efeito é efêmero e que somente será possível manter esse estado caso se amplie o consumo desses ou de outros medicamentos, levando ao vício.

Muitas pessoas encontram nas drogas, tanto as legais como as ilegais, uma forma de se manter produtivas. Não é incomum que até mesmo combinem dois tipos de remédios para reverter os efeitos um do outro ou que consumam álcool mesmo quando tomam medicação controlada. Diante das pressões da sociedade capitalista, esses trabalhadores são arrastados a alcançar a qualquer custo a produtividade exigida e almejar a felicidade fetichizada, pagando com isso o preço de desenvolver todo o tipo de doenças.

3 A CRISE CIVILIZATÓRIA

“Nunca dominaremos completamente a natureza, e o nosso organismo corporal, ele mesmo parte desta natureza, permanecerá sempre como uma estrutura passageira, com limitada capacidade de realização e adaptação”. Essa imagem reforça a limitação do homem ao tentar dominar a natureza. Uma luta contra algo que ele próprio faz parte.” (SIGMUND FREUD - O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO).

A crise psicológica é a resposta da crise civilizatória. O pai da psicanálise Sigmund Freud e o sociólogo polonês Zygmunt Bauman apontaram o mal-estar na civilização e na pós-modernidade. Para Freud o ser humano está condenado ao sofrimento psíquico porque a realização do instinto é incompatível com a cultura. Por um lado, a civilização em si, provoca um mal-estar, por outro lado, sem civilização não haveria humanidade, seríamos apenas outros primatas regidos pela natureza. Para Bauman, a causa do mal-estar é decorrência da desorientação do sujeito pós-moderno que precisa fazer escolhas diante de uma infinidade de opções. Para Freud, sofremos quando optamos pela civilização. Trocamos liberdade por segurança. Para Bauman, sofremos diante da infinita liberdade. Sofremos, pois, nos sentimos inseguros.

Nesta seção final do artigo pretendemos apresentar seis imaginários do mundo contemporâneo estão associados à crise psicológica: (1) o individualismo e o narcisismo cultural, (2) o imperativo da felicidade, (2) a explosão da informação e a vertigem das redes sociais, (4) a cobrança pela alta performance e pelo alto rendimento, (5) a imposição da exposição e da visibilidade e, por fim, (6) a idolatria do dinheiro.

Na fortuna crítica de Michael Foucault, entendemos que os seis traços do imaginário contemporâneo, são formas de biopoder. Biopoder é um conceito elaborado originalmente pelo filósofo e historiador francês Michael Foucault, usando-o em seus cursos no Collège de France, publicado o termo apareceu pela primeira vez em *A vontade de Saber*, primeiro volume do estudo sobre a sexualidade ocidental, *A História da Sexualidade*, em 1976. Biopoder refere-se à prática dos Estados modernos e sua regulação dos que a ele estão sujeitos, por meio de uma *"explosão de técnicas numerosas e diversas para obter a subjugação dos corpos e o controle de populações"*. (FOUCAULT, 1977, p. 135).

A partir da observação da sociedade europeia do séc. XVIII, Foucault descreve as transformações no modo de poder, passando de uma **sociedade soberana** para uma **sociedade disciplinadora**. Segundo Foucault, tal mudança se dá através do deslocamento de uma forma poder (e controle), que outrora ritualiza a morte a morte (para viver é necessário matar), para uma que **planeja tecnicamente a vida**.

Essa nova forma, é considerada por Foucault uma **arte de governar a vida**, que se manifesta **como tecnologia política geral transformada em dispositivos disciplinares**.

O **biopoder** assume duas formas básicas: (1) uma anátomo-política do corpo e (2) biopolítica da população. A primeira forma, está relacionada às arquiteturas disciplinadoras encarregadas de extrair do corpo humano a força produtiva, por meio do controle do espaço e do tempo, nas instituições, como escolas, hospitais, igrejas, prisões e fábricas. A segunda forma está focada na regulação das massas, utilizando de ferramentas e práticas que gerem taxas de natalidade, migração, epidemias, saúde pública, controle de riscos e aumento da longevidade, por exemplo. O biopoder se dá por meio do controle e da norma de como as pessoas que devem viver.

A biotecnologia, a biomedicina, a medicina molecular, a indústria farmacêutica, os meios de comunicação, agronegócio e as instituições públicas e privadas se configuraram como **dispositivos** de biopoder, que atravessam a vida dos indivíduos para além do corpo, mas também no campo das subjetividades, impactando não apenas a materialidade da existência, mas também aspectos de desejos, relações, e até na autopercepção dos indivíduos. O biopoder propaga uma normatização das identidades, transformando-se em agente de controle e padronização da vida, atuando no campo da subjetividade, agindo de maneira invisível, governando corpos e mentes.

Nesse sentido, entendemos que (1) o individualismo e o narcisismo cultural, (2) o imperativo da felicidade, (3) a explosão da informação e a vertigem das redes sociais, (4) a cobrança pela alta performance e pelo alto rendimento, (5) a imposição da exposição e da visibilidade e, por fim, (6) a idolatria do dinheiro, são dispositivos de biopoder, causadores de transtornos mentais. Em outras palavras, a expansão do adoecimento mental é o protesto dos corpos e das emoções ao biopoder e seu imaginário capitalista neoliberal.

3.1 O SHOW DO EU ⁹

“Narciso acha feio o que não é espelho”
(CAETANO VELOSO- Sampa)

Fundamental para entender o alcance do neoliberalismo é frisar o seu principal mandamento: o individualismo. Trata-se da crença na onipotência do indivíduo

A hipótese que sustenta esta argumentação é a de que a crise psicológica não deve ser vista como um problema genético ou biológico. A saúde (ou a falta dela) mental não pode estar desprovida de vieses e pressupostos culturais, sociais e antropológicos. Por que a crise de saúde mental e a indústria de medicalização desempenham papel de tanto destaque na vida contemporânea?

A suposição é de que uma das razões pelas quais a crise psicológica se tornou tão proeminente na sociedade contemporâneas neoliberais se deve à saturação dos valores individualistas – como a

⁹ Sobre esse tema, escrevi um artigo: “*E sereis como deus: o contágio da cultura narcisista no ambiente religioso*” que está publicado pelo Núcleo de Pesquisa FAPCOM, no e-book: **DÍALOGOS ENTRE A COMUNICAÇÃO, FILOSOFIA E TECNOLOGIA**: Reflexões sobre tecnologia, religião e sociedade nas práticas comunicacionais contemporâneas. Disponível em: 01-Encontro-de-Grupo-de-Pesquisa.pdf (fapcom.edu.br).

definição do EU como valor supremo e a concepção de grupos e sociedades como uma massa de vontades estanques e autônomas.

O individualismo é marca do mundo moderno. Hanna Arendt, postulou que na época moderna a existência se conjuga na primeira pessoa. Assim, o universo plural e coletivo perdeu o sentido.

De acordo com Gilles Lipovetsky, em suas obras *A Era do Vazio* (1983) e *Os Tempos Hipermodernos* (2004), a sociedade está organizada em torno do individualismo. A condição temporal vigente é o presente que assegura o indivíduo a viver apenas para si mesmo ao realizar suas satisfações e inquietações pessoais. O indivíduo investe mais em si mesmo e intensifica a livre expressão do Eu.

A anulação dos grandes sistemas de sentidos e o hiperinvestimento do Eu andam de braços dados: nos sistemas com “aparência humana”, que funcionam para o prazer, o bem-estar, a despadronização, tudo concorre para a promoção de um individualismo puro, ou seja, psicológico, desembaraçado dos enquadramentos de massa e projetado para a valorização geral do indivíduo. É a revolução das necessidades e sua ética hedonista que, atomizando suavemente os indivíduos e esvaziando aos poucos as finalidades sociais de seus significados profundos, permitiu que o discurso psi se enxertasse no social e se tornasse um novo éthos de massa; foi o “materialismo” exacerbado das sociedades da abundância que, paradoxalmente, tornou possível a eclosão de uma cultura centrada na expansão subjetiva, não por reação ou “suplemento de alma”, mas, sim, por isolamento à escolha de cada um. (LIPOVETSKY, 1983, p. 34 – 35).

Lipovetsky chama o nosso tempo de hipermodernidade e afirma que nossa época resume a dois conceitos fundamentais, a saber, hiperconsumismo e hipernarcisismo, unicamente fomentando a sede de consumo que ele próprio possui, visto que o sujeito é guiado pela febre do bem-estar, de gozos materiais e da paixão pelo novo

O hipernarcisismo apresenta duas predisposições contrárias; de um lado temos os indivíduos que cuidam de si e de seu corpo, que são maníacos pela higiene e pelo zelo com a saúde e que obedecem às prescrições médicas sem pestanejar. De outro, multiplicam-se as doenças psicológicas, as enfermidades patológicas e um consumo que adquire não meramente um aspecto febril, mas doentio. Ou seja, quando mais sobre os ombros do indivíduo recai a responsabilidade pelo êxito, pelo sucesso maior é a ansiedade pela realização. Ao passo que o indivíduo investe mais em si mesmo e intensifica a livre expressão do Eu, mais suas incertezas e angústias crescem.

Na lógica individualista e hipernarcísica, o sofrimento psíquico é da ordem do indivíduo e não do sistema. Trata-se de uma concepção que vê a pessoa como uma empresa. Essa concepção necessita de uma norma objetiva que não é mais exatamente aquela do sujeito produtivo nas sociedades industriais. O indivíduo neoliberal é correlato de um dispositivo de desempenho e gozo. Não faltam principalmente na Psicologia Positiva e no Marketing, elogios a esse novo sapiens: hipermoderno, pós-humano, impreciso, flexível, fluído. Sendo assim, nessa lógica se uma pessoa sofre é porque está nela a causa e não no ambiente.

3.2 CRONICAMENTE FELIZES¹⁰

“Não há possibilidade alguma de ele (programa da felicidade) ser executado; todas as normas do universo são-lhe contrárias. Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja ‘feliz’ não se acha incluída nos planos da Criação.” (Sigmund Freud em O mal-estar na civilização)

“A psicologia convencional nasceu para tentar entender o que torna alguém neurótico, deprimido, ansioso, de mal com o mundo. Depois de anos nessa toada, achei melhor procurar compreender o que faz alguém feliz.” (Martin Seligman em A Felicidade Autêntica)

Contrariando o diagnóstico do pai da psicanálise para quem *“a felicidade não se acha incluída nos planos da criação”*, Martin Seligman, um dos principais divulgadores da Psicologia Positiva, aposta na construção de pessoas *“cronicamente felizes”*, nos dizeres do professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro João Freire Filho.

Na contramão da filosofia romântica, para quem a felicidade era um estado transitório e ilusório, o novo espírito do capitalismo emocional - *“uma cultura em que práticas e discursos emocionais e econômicos se configuram mutuamente”* (Illouz *apud* Freire Filho, 2012: 57) - difunde pelo marketing que a felicidade é um ‘bem subjetivo’, um ‘capital psicológico’ passível de ser acumulado e investido bem como *“um combustível importante para quem pretende crescer na carreira”*. (*Ibidem*)

Freire Filho aponta que: no contexto do capitalismo contemporâneo que monetiza afetos convertendo-os *“em aspectos essenciais do comportamento econômico e em que a vida emocional segue a lógica do intercâmbio e das relações econômicas”* (*Ibidem*), *“a sensação de felicidade permite que a pessoa produza mais e ocupe uma posição mais alta”* (*Ibidem*). Ou seja, a felicidade é uma *commodity* imaterial (Gorz), um recurso estratégico para otimização da saúde, da sociabilidade e da produtividade.

A felicidade seria, portanto, o combustível indispensável para a adaptabilidade do indivíduo na *“sociedade do cansaço”*, definida pelo filósofo Byung-Chul Han como uma sociedade que estabelece modos de vida que se expressam por um excesso ou tirania da alta performance e da positividade, produzindo sujeitos que devem buscar sempre superar-se com relação aos seus ganhos. Com isso, são engendradas subjetividades e sociabilidades agenciadas pela multitarefa e constante (auto)produção. Nessa lógica, para as pessoas alcançarem alto rendimento no trabalho, elas precisariam buscar ferramentas para elevar o seu coeficiente de felicidade.

Com esse fim, surgem e crescem as novas ciências instrumentais como a Psicologia Positiva, a Neurociência e seus apêndices *fast foods* como os coachings, autoajudas e toda sorte de espiritualidades gerenciais.

¹⁰ Este excerto foi publicado anteriormente em vários veículos de mídia digital: [Felicidade Tóxica - Jornal Ouvidor](#). Essa versão é revista, ampliada.

Para Freire Filho, vivemos “na era da felicidade, sua reprodutibilidade científica” em que diversos saberes técnicos oferecem a possibilidade de construir pessoas “cronicamente felizes”, isto é, as novas ciências da felicidade nos ensinam que usufruir de um aumento sustentável de nosso bem-estar subjetivo é um projeto individual totalmente factível”.

Freire Filho assevera que: “vivemos na era do prodigioso otimismo: múltiplas fontes acadêmicas e midiáticas irradiam a convicção de que a ciência é capaz de indicar-nos, passo a passo, como robustecer os mananciais biológicos e psicológicos de uma existência “cronicamente feliz”. (*Ibidem*, p. 54).

Era como se alguém estivesse atrás de mim com um porrete, gritando: “Você precisa estar feliz! Você precisa estar feliz! (...) De uma maneira esquemática, podemos afirmar que o mundo capitalista do trabalho está vinculado à ética do ascetismo e da acumulação. O mundo do consumo pede, por sua vez, uma ética do direito ao gozo. Pois o que o discurso do capitalismo contemporâneo precisa é da procura ao gozo que impulsiona a plasticidade infinita da produção das possibilidades de escolha no universo do consumo. (...) Devemos pensar aqui na tese de que a incitação e a administração do gozo se transformaram na verdadeira mola propulsora da economia pulsional da sociedade de consumo, isto ao invés da repressão ao gozo. (...) Não mais a repressão ao gozo, mas o gozo como imperativo (...). (SAFATLE, 2003, p.369)

As ciências da felicidade ofertam a promessa do controle, da metrificação da vida cotidiana. Oferecem a ilusão da segurança frente a um mundo cada vez mais inseguro. Ensinam controles sobre quase tudo: quantidade de passos, calorias, respiração, batimentos cardíacos, pressão arterial, peso, alimentação, horas de sono, sexo, ovulação, entre outras inúmeras atividades. Constroem gadgets que monitoram nossas vidas. Com eles, estabelecemos metas e controlamos resultados. Tudo em nome do melhor de você em você mesmo.

Dessa forma, essas técnicas oferecem às pessoas o gerenciamento da vida em busca da alta performance: autoconfiança, ambição, entusiasmo, criatividade, espírito empreendedor. Pessoas dotadas desse capital psicológico positivo estariam mais perto de uma alta performance feliz. São ferramentas em benefício da produtividade e da alta performance. Tudo em proveito da indústria da saúde e do sucesso, do ótimo desempenho e da felicidade.

Independentemente de faixa etária, gênero, classe socioeconômica, situação familiar ou afetiva, (in)definição profissional etc., as regras do bem viver – leia-se do viver feliz – devem ser seguidas à risca para que não se padeça dos horrores da rejeição, do ostracismo ou do escárnio.

O contato social prescreve que para se atingir a felicidade almejada universalmente, “pecados imperdoáveis” como excesso de peso, sinais de envelhecimento, fadiga, fraqueza, hesitações, inseguranças e incertezas, o tédio, os diversos tipos de padecimento e, sobretudo, a dor de existir que nos fazem humanos, quicá demasiadamente humanos, devem ser evitados a todo custo. É como se a própria condição humana estivesse sendo colocada em xeque nessa era da felicidade compulsiva e compulsória. Como anuncia Freire Filho, “a exortação ao acúmulo incessante de felicidade pode converter-se em fonte de tremendas inquietudes e frustrações”. (*Ibidem*, p. 58). Ao que parece, a

compulsão pela felicidade (bem como pela alta performance) produz sofrimento em série para aqueles que não enxergam que a expectativa, as metas de felicidade são irrealizáveis.

Pessoas que não respondem ao imperativo da felicidade, são repelidas ou patologizadas por simplesmente não responderem ou se distanciarem das normas de positividade. Reparem que hoje não podemos manifestar nossa inquietude ou nosso incômodo, somos diagnosticados com transtorno de ansiedade. Não podemos variar de humor - somos bipolares. Não ficamos mais tristes ou desiludidos - precisamos tratar a nossa depressão. A felicidade crônica impulsiona a medicalização da vida.

3.3 A EXPLOSÃO DA INFORMAÇÃO

“O sol nas bancas de revista/ Me enche de alegria e preguiça/ Quem lê tanta notícia? (CAETANO VELOSO – Alegria, Alegria)

“Estou ficando cego de tanto enxergar; Estou ficando surdo de tanto escutar; Estou ficando cego de tanto enxergar; Estou ficando surdo de tanto escutar” (ARNALDO ANTUNES - AA UU)

O sociólogo Muniz Sodré, Professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em seu livro, *Antropológica do Espelho* (2002) criou o conceito de *Bios Midiático* para definir a sociedade contemporânea.

Defino mídia não como transmissor de informação, mas mídia como ambiência, como uma forma de vida. Mídia como o que o Aristóteles chama de BIOS – isto é a cidade investida politicamente. É a sociabilidade da polis. Não é carne, o que chamamos de biológico hoje. Aristóteles fala de três bios: do conhecimento, do prazer e da política. Eu descrevo a mídia como o quarto bios, que é o BIOS MIDIÁTICO, virtual. Da vida como espectro, da vida como quase presença das coisas. É real, tudo que se passa ali é real, mas não da mesma ordem da realidade das coisas. A informação é espectro, é representação, é fantasma, é palavra, é discurso. Então a realidade da mídia é discursiva. Entramos em um momento da história onde a esfera civilizacional que circunda o homem é espectral. Não é substancial, de toque. É feita do impalpável, de ausência/presença de luz, seja circuito fechado/circuito aberto, seja o pingo no papel, seja imagem no cinema ou na fotografia. Tudo isso é cada vez menos substancial e mais visual – cabeça e olho. Ora, essa realidade, para mim, é outra forma de vida. É um outro BIOS, outra ambiência. Então, como entendemos a mídia como ambiência, como environment, como um mundo em que cerca esse mundo, nós mudamos inteiramente o foco da análise. Todas as concepções antigas do jornalismo, da mídia como transmissão da informação, para educar, para instruir, não tem mais sentido. Isso existe também. Mas não é isso que vai definir mídia no meio de comunicação.¹¹

Ou seja,

É preciso inicialmente considerar que, mesmo pertencendo a um BIOS específico, a tevê não é um ator social isolado, está sempre inserida em contextualizações de ordem sócio-histórica. Colocada dentro de uma tradição sociocultural patrimonialista, como a brasileira, a tevê, apesar do transnacionalismo de sua forma, produz efeitos específicos, regionais (SODRÉ, 2002, p.31).

¹¹ Entrevista de Muniz Sodré a Desirée Rabelo, no endereço:

<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista9/entrevista%209-1.htm>

Tentando traduzir, o que o professor Sodré aponta é que tanto a vida social como a vida subjetiva são hoje atravessadas pela sociedade midiática e da informação. O ecossistema midiático, por meio da sua produção audiovisual, interfere na maneira como percebemos o mundo, molda nossos valores, nossas escolhas e nossos comportamentos. Trata-se da criação de uma eticidade (costume, conduta, cognição, sensorialidade) estetizante e vicária, “Como um ‘anjo’ as tecnologias da comunicação instituem-se com a “boca de Deus”

Um aspecto importante do nosso tempo é que essa onipotência e onipresença da mídia, gera uma sociedade marcada pela **saturação informacional**. Vivemos em uma era em que o conhecimento - no sentido de informação - é constantemente oferecido em tempo real por meio de computadores, smartphones, tablets eletrônicos e leitores de livros digitais. Ainda assim, falta-nos a habilidade elementar de interpretar toda essa informação - a capacidade de encontrar as pepitas de ouro em meio ao cascalho. **Somos massas ignorantes encharcadas de informação.**¹²

Em uma entrevista, o sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman citou a frase do biólogo Edward O. Wilson: "*Somos inundados de informação e famintos por sabedoria*". Bauman disse que o principal obstáculo que enfrentamos em direção ao conhecimento é o excesso de informações, que não temos a capacidade de assimilar.

Além disso, o excesso de informações que nos é servido afeta a saúde e gera estresse, ansiedade e até falta de memória. O lado negativo dessa enxurrada de conteúdos é objeto de pesquisa de estudiosos como o físico espanhol Alfons Cornellá, que cunhou o neologismo "**infoxicação**", uma mistura de informação com intoxicação. O psicólogo britânico David Lewis criou o termo "**síndrome da fadiga informativa**", para nomear as reações de ansiedade, paralisação e dúvidas que surgem quando nos vemos diante de tantos estímulos que não damos conta de processar.

O excesso de informações de conteúdo emocional muito impactante gera um estresse e a pessoa tem uma reação em cadeia em resposta a isso. O nível de cortisol é elevado e o corpo responde.

Querer abraçar todas as notícias, conhecimentos técnicos e científicos e fontes de entretenimento como filmes e séries de TV pode levar ao adoecimento. É como olhar uma vitrine cheia de produtos igualmente interessantes e não poder levar todos para casa. As consequências

¹² Uma ótima referência a respeito da temática da **saturação da informação** é o livro da Professora Malena Contrera. *Mídia e Pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia*. A obra se dedica a refletir sobre a mídia e sua crescente relevância para as sociedades contemporâneas, a partir das relações que esta estabelece com o que a autora sinaliza como o fenômeno do pânico. O pânico é entendido na obra como sendo um quadro midiático específico que, tendo raízes na cultura (e nas sombras civilizatórias), pode ser identificado pela recorrência aos seguintes temas ligados ao núcleo mítico do deus Pan - o uso restritivo da imagem e sua espetacularização, a saturação informativa, a crescente virtualização do corpo na comunicação e a presença marcante da violência na mídia. Propondo que as formas de exercer a mediação sejam repensadas pelos meios de comunicação sociais contemporâneos, este trabalho chama a atenção para o que se poderia definir como uma crise cultural e midiática de enormes proporções. O livro completo está disponível no link: https://ac0d5743-3bab-4d55-9a76-1d68bbe29ee7.filesusr.com/ugd/fd7fa6_e0bd2073e27f4153aa32a3e8c853db6b.pdf

costumam ser de ordem emocional, como ansiedade, estresse, esgotamento mental, frustração, tristeza, preocupação e angústia. Às vezes vira um fardo tão pesado que pode levar à depressão.

Além de abalar as emoções e elevar o nível de cortisol —hormônio relacionado ao estresse—, expor-se a montanhas de informações também pode provocar males físicos como cansaço, dor de cabeça, nas costas, no pescoço e no peito, desconforto muscular, hipertensão arterial, aumento da frequência cardíaca e diabetes, entre outras doenças inflamatórias. E ainda prejudicar o sono e a memória.

Além do excesso de informações, há também outro fator que gera estresse. As redes sociais são vitrines nas quais as pessoas editam a vida e se exibem. Exibem sucesso profissional, um corpo em conformidade com os padrões normativos, riqueza, amor e felicidade. Essa exibição nem sempre condiz com a realidade. Entretanto, do outro lado, aquele que consome a informação compara a sua vida com aquilo que está vendo gerando uma grande tristeza e frustração. Por que eu não tenho uma vida feliz?

Como veremos mais a frente, exibir-se como a rubrica da felicidade e do sucesso passou a ser condição *sine qua non* para o novo contrato social. Mesmo sendo uma vida editada, um simulacro, quem consome, consome ansiedade.

3.4 ALTA PERFORMANCE

No livro, *A sociedade do cansaço*, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, professor de filosofia e estudos culturais da Universidade de Berlim, parte de uma constatação relativamente comum para o problema das relações entre sociedade e sofrimento psíquico: cada época tem suas enfermidades.

Dado que os sofrimentos psíquicos são compreendidos nos dias atuais sobretudo como desvios neuroquímicos, para Han em tela nossa época se configura como uma “*violência neuronal*”. Não obstante a expressão, sua explicação passa ao largo de aspectos fisiológicos do sistema nervoso: sofrimentos psíquicos como síndrome de *burnout*, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e depressão são apreendidos pelo autor em sua relação direta com o modo operatório do capitalismo contemporâneo.

Yes, we can – o slogan utilizado pelo ex-presidente estadunidense Barack Obama – expressa com precisão o excesso de positividade da sociedade do desempenho (p. 24). No lugar do enunciado disciplinar coercitivo (“tu deves”), imposto de fora, entra em cena o novo enunciado (“nós podemos”), o qual, em seu aspecto imanente, remete a uma falsa liberdade ao impor aos indivíduos o imperativo da realização, da mobilidade, da velocidade e da superação constantes.

O aspecto central da análise do coreano reside justamente na falsa liberdade e no processo destrutivo contido nesta transformação contemporânea.

Byung-Chul Han postula que “[a] positividade do poder é mais eficiente que a negatividade do dever” (p. 25). Ou seja, a autossuperação postulada em *yes, we can* é capaz de extrair toda a potência e eficácia insuspeitas ao próprio sujeito, ainda que o custo da autossuperação possa ser a autossupressão. Isso fica claro quando Byung-Chul Han (2017) nos apresenta o “sujeito do desempenho”, que é aquele que tem uma espécie de vício em performar e entregar resultado e que parece estar numa condição que jamais leve à conclusão de algo (HAN, 2021).]

Han categorizou este profissional como “sujeito do desempenho”, que seria aquela pessoa que, por uma razão não consciente, ou semiconsciente, precisa buscar o “resultado” ou o “bom desempenho” a qualquer custo e em qualquer coisa que faça em sua vida, sem entrar em contato com seus sentimentos ou mundo interior, inconsciente de seu sofrimento. Nas palavras de Han:

[...] há que se admitir que o sujeito do desempenho não aceita sentimentos negativos, o que acabaria se condensando e formando um conflito. A coação por desempenho impede que eles venham à fala. Ele já não é capaz de elaborar o conflito, uma vez que esse processo é simplesmente por demais demorado. É muito mais simples lançar mão de antidepressivos que voltam a restabelecer o sujeito funcional e capaz de desempenho (HAN, 2017, p. 98-99)

O sujeito do desempenho é incapaz de chegar a uma conclusão. Ele se despedaça sob a coação de sempre ter de produzir mais desempenho. Precisamente essa incapacidade de chegar a uma conclusão e de encerrar conduz ao burnout (HAN, 2021, p. 30). Esta ideia se relaciona diretamente com a perspectiva de Byung-Chul Han, quando este afirma que há uma “normatização” do desempenho a qualquer preço:

Os homini sacri da sociedade de desempenho distinguem-se dos da sociedade soberana pela especificidade ampla de que são absolutamente impassíveis de serem mortos. Sua vida equipara-se à de mortos-vivos. Estão por demais vivos, para morrer, e por demais mortos para viver (HAN, 2017, p. 108-109).

A sociedade do cansaço atual nada mais é do que a absolutização unilateral da “potência positiva”. Por isso, é também uma “sociedade do doping”. O melhoramento cognitivo (neuro-enhancement) pode não representar nenhum problema moral diante da normatividade social vigente na sociedade do desempenho. Ou seja, o uso pragmático e utilitário circunscrito à “psicofarmacologia cosmética” apresenta absoluta coerência em uma configuração social que inculca nos indivíduos a necessidade tanto de realização permanente – para a qual se solicita, antes, a autossuperação – quanto de bem-estar como fórmula para o sucesso social. Uma substituição ocorre, assim, no plano terapêutico. Desprovido de tempo, o sujeito do desempenho não procura mais a gênese do conflito psíquico, cuja temporalidade técnica é lenta. A medicação psiquiátrica pode atender com a urgência necessária o restabelecimento, a manutenção e o aperfeiçoamento das potencialidades do sujeito impaciente para a escavação arqueológica de cunho psicanalítico que visa a descobrir a origem do sofrimento psíquico.

3.5 SOU VISTO, LOGO EXISTO ¹³

No século XVII, o filósofo René Descartes abreviou a sua tese sobre a natureza humana em uma frase: “*Cogito ergo sum*” (Penso, logo existo). Com essa expressão, o matemático francês, propondo como método a dúvida radical, concluiu que só podemos ter certeza de que existimos porque somos capazes de pensar. Para Descartes, o “cogito” (pensamento) nos confere a certeza da existência.

Séculos depois, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman em seu livro *44 Cartas do Mundo Líquido Moderno* (2011) ao refletir acerca do comportamento social no mundo contemporâneo, citou uma cena na qual uma mulher declarou durante um programa muito popular de entrevistas, pela televisão, na frente de milhões de telespectadores, que a ejaculação precoce de seu marido, lhe impedira de ter um só orgasmo durante toda sua vida conjugal.

Para Bauman o que houve de tão revolucionário assim na declaração da mulher foram dois fatos: “*primeiro, tornar público um tipo de informação que até então era considerado a quintessência da ordem do privado; segundo, usar a arena pública midiática para expressar e discutir um assunto de interesse eminentemente privado.*” (p. 36).

Ainda segundo Bauman, as relações sociais passaram - como sugere o psicanalista francês Serge Tisseron - do campo da *intimité* para o campo da *extimité* - ou seja, extimidade. Expomos em público os nossos segredos. Eis, assim, o triunfo do exibicionismo na era das redes sociais.

De acordo com Bauman, as celebridades tornaram-se um fenômeno curioso. Elas parecem nos avisar que chegou a hora de rever o famoso veredicto de Descartes, "penso, logo existo", alterando-o para "*sou visto, logo existo*".

Cada vez mais pessoas aderem às redes sociais digitais, compartilhando dados e segredos particulares cotidianamente – o que reforça a constatação de Paula Sibilia em seu livro “*O show do Eu*” (2008) de que está em curso um movimento generalizado de evasão de privacidade.

Isso significa que na sociedade midiática, tão mais existimos quanto mais vistos formos. E a proliferação do uso das redes sociais encarna essa nova condição, funcionando como padrões a serem seguidos. Exibir-se nas redes sociais digitais, angariar engajamento, amear seguidores, contabilizar “likes” é o novo contrato social. Na sociedade de midiática e de consumo as pessoas sonham e lutam para se tornar commodities vendáveis. E o contrário também é verdadeiro. Quando menos formos vistos nas redes sociais digitais, maior a invisibilidade social. Quem não está no

¹³ Apresentei sobre esse tema apresentei uma palestra para o CEPAT - Centro de Promoção de Agentes de Transformação (*Sou visto, logo existo? A relação entre redes sociais e saúde mental em jovens e adolescentes*) que está disponível em: [\(3\) Sou visto, logo existo? A relação entre redes sociais e saúde mental em jovens e adolescentes - YouTube](#). Orientei uma dissertação de mestrado sobre o imperativo da felicidade que está disponível em: <https://repositorio.unip.br/dissertacoes-teses-programa-de-pos-graduacao-stricto-sensu-em-comunicacao/extimidade-e-o-imperativo-da-visibilidade-midiatica-na-cibercultura/>

Instagram não existe. E quem angaria milhões de seguidores e likes, é quem tem maior prestígio social. “Dar certo na vida” é conquistar engajamento no perfil.

O que antes era restrito a um pequeno grupo de celebridades agora transbordou para todos os segmentos sociais. A onda deste imperativo da visibilidade pode ser associada a uma compulsão exibicionista, narcísica potencializada pelas redes sociais digitais na ordem cultural denominada por Guy Débord por “*Sociedade do Espetáculo*”. Na epígrafe do primeiro capítulo, Débord cita o filósofo alemão, Ludwig Feuerbach que viveu no século XIX e antecipou o espírito da nossa época: “*Nosso tempo, sem dúvida prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser... O que é sagrado para ele, não passa de ilusão, pois a verdade está no profano.*”.

As redes sociais tornar-se vitrines de exibicionismo de personas. Persona é um dos conceitos formulado por Carl Gustav Jung, fundador da Psicologia Analítica. Persona é a máscara social. O termo deriva da palavra latina para máscara usada por atores na época clássica. Daí, persona refere-se à máscara ou face que uma pessoa põe para confrontar o mundo. A persona pode se referir à identidade sexual, um estágio de desenvolvimento (tal como a adolescência), um status social, um trabalho ou profissão. Durante toda uma vida, muitas personas serão usadas e diversas podem ser combinadas em qualquer momento específico. Em termos coletivos, a persona, é o que nos dá um lugar social compatível com aquilo que a sociedade moldou. Essa máscara social pode, muitas vezes, ser entendida como nosso próprio eu, e independente do grau com que nos identificamos com ela, é difícil reconhecer que não somos nós, mas que é nossa personagem social e não nossa essência.

O que é exibido? Nós, ou nossas personas? Só o fato de discordar de uma opinião pode gerar nas redes sociais discussões ferrenhas e inimizades eternas. Imagine se sua vida dependesse de aprovação constante, para tudo e de todos? Seríamos mais condescendentes, nada críticos, certamente falsos e, no fundo, provavelmente, frustrados, deprimidos, ansiosos.

3.6 A IDOLATRIA DO DINHEIRO

*Quem me dera ao menos uma vez
Provar que quem tem mais do que precisa ter
Quase sempre se convence que não tem o bastante
Fala demais por não ter nada a dizer
Quem me dera ao menos uma vez
Que o mais simples fosse visto
Como o mais importante
Mas nos deram espelhos e vimos um mundo doente
(RENATO RUSSO – Índios)*

Em 2014, o Papa Francisco visitou a Coreia do Sul, uma sociedade percebida como muito desenvolvida tecnologicamente. Aproximadamente metade da população coreana não crê em Deus ou não professa nenhuma religião. Somente 27% são cristãos, sendo 19% protestantes e, escassamente, 8% católicos. O budismo é a maior religião professada no país. Mesmo assim, em um cenário laico e secular, a visita do Papa Francisco chamou muito a atenção dos jornalistas coreanos.

Dos gestos e discursos do Papa, dois se destacaram nos meios de comunicação e causaram impacto entre os periodistas. Um relacionou-se à afirmação do Papa de que a Igreja deve ser uma Igreja pobre para os pobres. O outro foi em virtude da crítica que Francisco fez à idolatria do dinheiro, que emerge em um cenário de globalização sustentado pela narrativa neoliberal.

Esses dois tópicos motivaram o Professor Mo Sung, coreano, católico, doutor em Ciências da Religião, Professor da Universidade Metodista e estudioso das relações entre teologia e economia, a escrever o livro: *Idolatria do Dinheiro e Direitos Humanos: uma crítica teológica do novo mito do capitalismo*.¹⁴

No livro, o Professor Mo Sung conduz suas reflexões a respeito desses dois aspectos, no sentido de ajudar a entender quais são os desafios para o cristianismo no cenário de idolatria do dinheiro e divinização do mercado: *“eu penso que o capitalismo iniciou uma travessia que hoje parece estar perto de completar o abandono da dignidade e dos direitos humanos como fundamento da civilização”* (pág. 6).

Para desenvolver a reflexão proposta, o autor inicia o livro explicando que todos os sistemas sociais assumem princípios fundamentais, ou seja, os sistemas sociais se legitimam por meio de narrativas que formam uma estrutura mítica sobre a qual o sistema social é justificado e operacionalizado, isto é, as narrativas criam uma realidade intersubjetiva que, uma vez compartilhada, produz um magma, um cimento, um fundamento no qual se ergue e se constitui uma realidade social. Essa narrativa legítima, na consciência das pessoas, as práticas e as condutas sociais.

Com base nessa premissa, o Professor Mo Sung pondera que, de 1929 até 1970, o capitalismo se desenvolveu a partir da narrativa - que ele denomina mito do desenvolvimento - na qual se reconhecia que o crescimento econômico era salutar para toda a sociedade. Mo Sung atesta que essa narrativa, herdeira do mito do progresso que granjeou fama no século XIX, foi abarcada tanto pelas sociedades capitalistas liberais bem como pelas sociedades socialistas. Em linhas gerais, o mito do desenvolvimento: *“pressupõe uma confiança inabalável no desenvolvimento tecnológico e no sistema de mercado como capazes de superar todos os limites das diferenças culturais e, reconhece que todos os seres humanos, independentemente dos seus condicionamentos culturais e sociais, têm direito e possibilidade de participar dos frutos do desenvolvimento”* (pág. 54).

O pesquisador explica no livro que, a partir da década de 1970, a narrativa do mito do desenvolvimento entrou em crise e foi sendo, gradualmente, suplantada pelo que o autor chama de mito neoliberal. Mo Sung considera que essa narrativa, construída por vários pensadores entre eles, o já citado aqui, Friedrich August von Hayek (Prêmio Nobel de Economia) valida o mito do

¹⁴ Participei como mediador no lançamento do livro *"Idolatria do Dinheiro e Direitos Humanos"*. Está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=CxY0ahHaho4>. Acesso em 27.jul.2022.

neoliberalismo, que, por sua vez, cimenta o novo capitalismo, defende a primazia do mercado sobre a sociedade, afirma que os gastos públicos do governo com educação, previdência social e outras ações de cunho assistencial devem ser reduzidas ao máximo.

Para Mo Sung, essa narrativa nega os direitos humanos provocando um confronto entre as noções de justiça social e justiça do mercado. A narrativa neoliberal, que constitui o pilar do novo capitalismo globalizado, suscita ideias tais como a fé na sacralidade do mercado livre, a negação dos direitos sociais e a culpabilização dos pobres pela sua condição. Nesse sentido, essas narrativas que elevam o econômico acima do humano colidem com os valores cristãos: *“os seres humanos não têm valor, isto é, não podem ser comprados, medidos e, portanto, vendidos ou trocados dentro do sistema social. O ser humano não tem valor, tem dignidade (grifo nosso) e dignidade humana é algo que não pode ser comprada e medida; é igual em todas as pessoas”* (pág. 9).

O que a idolatria, tema da teologia sobre a adoração a falsos deuses, tem a ver com dinheiro, um tema da economia? A obra de Mo Sung ajuda a recolocar a questão da idolatria em termos diferentes. O professor mostra dois modos de interpretar o conceito de idolatria presente em dois documentos escritos/divulgados/publicados pelo Papa Francisco (Encíclica *Lumen Fidei* e Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*): a idolatria como um erro de representação que leva à perda de sentido ou a um sentido equivocado da vida e a idolatria como uma crítica aos novos deuses (poder, dinheiro, mercado, mídia, consumo, imagem) que exigem o sacrifício de vidas humanas, em oposição ao Deus da vida que suplica misericórdia, compaixão e reafirma constantemente a vida humana.

Aqui, vale a pena citar na íntegra um excerto da Exortação *Evangelii gaudium* que está na página 153 do livro:

Uma das causas dessa situação (vazio interior, exclusão social, indiferença em relação ao sofrimento dos pobres) está na relação estabelecida com o dinheiro, porque aceitamos pacificamente o seu domínio sobre nós e as nossas sociedades. A crise financeira que atravessamos faz-nos esquecer que na sua origem, há uma crise antropológica profunda: a negação da primazia do ser humano. Criamos ídolos. A adoração do antigo bezerro de ouro (Êx. 32,1-35) encontrou nova e cruel versão no fetichismo do dinheiro e na ditadura de uma economia sem rosto e sem um objetivo verdadeiramente humano. (PAPA FRANCISCO, 2013).

Sob a aparência de um ateísmo moderno (desmágicização do mundo conforme predisse Max Weber), o sistema capitalista engendrou, por meio de sua narrativa do mito neoliberal, uma legitimação religiosa própria capaz de reconhecer um Capitalismo como Religião (Benjamin) sob a apresentação enganosa de secularização: *“uma racionalização do irracional”* (pág. 178).

A humanidade arcaica fazia holocausto a Deus. Ao colocar seu cordeiro no fogo, a fumaça subia aos céus como alimento para o divino. Essa era a oferta que deixaria Deus alimentado e, ao mesmo tempo, devedor para lhe conceder a graça de manter seu lucro ou perdão de seus pecados. No ato de dar algo a alguém se esconde a intenção de obter alguma coisa em troca. Desde um

compromisso de débito do outro, até mesmo o sentir a satisfação desse outro e esperar a sua fidelidade. Da relação de troca, em função do sentimento de dívida que está presente na natureza humana, é que foram surgindo os rituais de doações e sacrifício, a exemplo das oferendas para os Orixás e o dízimo das igrejas.

O homem moderno deixou de trocar livremente. Hoje é o consumo do supérfluo. O dinheiro é o caminho de "cura" e "salvação". Empanturra-se de farta comida para encher o vazio existencial ou como diz o autor: vai ao shopping para comprar o que não precisa, com o dinheiro que não tem, com o intuito de impressionar a quem não conhece. Para aqueles que acumulam, o espírito do lucro passou a ser evangelho. E a riqueza material tornou-se a salvação. Juntos, os que consomem e os que acumulam, passaram a honrar a divindade que lhes permite isso: o dinheiro.

Como um deus, o dinheiro parece resolver todas as necessidades. Traz a falsa realização de nossos sonhos, ou a ilusão do poderoso que pensa assim garantir sua importância no mundo e deixá-lo no céu. Tarde quando descobrem que não estão no paraíso, mas no inferno onde todos os desejos são realizados. Isso até ser abarrotado com os sentimentos de insatisfação e de tédio, em busca do preenchimento de um vazio que não tem fim.

O mercado mudou pagamento e formas de oferecer seus produtos. A internet propiciou essa facilidade para, num clique, o consumir passe despercebido e cause um sentimento de satisfação e prazer. Essa busca de preenchimento do vazio, a divindade do dinheiro virtual parece atender a todos os anseios. Parece ser um ato de amor-próprio. Mas transforma-se em inferno no dia do confronto com os débitos, ou da inutilidade dessas compras.

Diante desse cenário de desrespeito dos direitos humanos e idolatria do dinheiro, uma pergunta orienta o Professor Mo Sung:

qual pode ou deve ser a contribuição do cristianismo, da tradição espiritual e da teologia cristã no resgate da dignidade fundamental de todos os seres humanos?" A resposta e o caminho residem na centralidade do próprio cristianismo quando afirma que "a luz que ilumina a realidade humana não é a luz da razão, mas a luz que vem da vida humanamente vivida."

Nesse sentido, na contramão daqueles que apostam no "fim da história", e diferente daqueles que, seguindo esquemas rígidos de orientação pós-moderna, ensinam a olhar para a sociedade como instituições monolíticas - controladas inteiramente por poderosos setores das elites e comprometidas com os interesses do capitalismo global e com o mito do neoliberalismo -, há expressões alternativas, autônomas e experimentais de vida cristã.

E nesse ponto, o autor nos desafia a construir e compartilhar um novo mito, uma nova narrativa, alternativa e humanizadora, que possa nos ajudar a superar o mito opressivo, idólatra do capitalismo.

Considerações Finais

Procuramos demonstrar neste artigo que a pandemia de saúde mental que afeta o mundo, não é exclusivamente de origem genética, biológica, mas, também de ordem social. As pessoas estão doentes porque o mundo está doente. Trata-se de uma crise sistêmica do capitalismo que afeta a mente e os corpos dos seres humanos.

O sistema nos enxerga como idólatras do dinheiro, altamente produtivos e eficientes, narcisistas digitais, individualistas e compulsivamente felizes. Essa “receita” de modo de viver é patológica e nos adocece.

As pessoas têm o direito de cuidar da saúde mental. Fica o desafio: como a pastoral pode contribuir para a saúde mental?

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- CABANAS; ILLOUZ. **Happycracia: fabricando cidadãos felizes**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- DEBORD, Guy. **Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- EAGLETON, Terry. **Ideologia**. Uma introdução. São Paulo Editora da Universidade Estadual Paulista Editora Boitempo, 1997.
- FREIRE FILHO, João. A Felicidade na era da sua reprodutibilidade científica: construindo pessoas cronicamente felizes, publicado no livro: **Ser Feliz Hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Giachini, Enio Paulo. 2. 2017. Vozes, Petrópolis: 128
- KAPLAN, Harold I., Benjamim J. SADOCK e Jack A. GREBB. **Compêndio de Psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica**. 7a. Porto Alegre: artmed, 2003.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. São Paulo: Editora Manole, 2005,
- MARX, Karl. **O capital** (Livro 1) crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2013.
- SAFATLE, Vladimir. **Um supereu para a sociedade de consumo: obra instrumentalização de fantasmas como modo de socialização - Um Limite Tenso Lacan entre a Filosofia e a Psicanálise**. São Paulo: Unesp, 2003.
- SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes Ansiosas: o medo e a ansiedade nossos de cada dia**. São Paulo: Principium, 2017